

LETRAMENTO E SABERES POPULARES: USO DO WHATSAPP NO COTIDIANO DAS PESSOAS IDOSAS

(Autor) Estêvão Arruda Borba Santiago Guimarães
Universidade Estadual da Paraíba (Graduando)
estevao_arruda@hotmail.com

(co-autor) Zuleide Maria de Arruda Santiago Guimarães
Universidade Estadual Vale do Acaraú (Professora)
zuleidearruda@yahoo.com.br

RESUMO

Os últimos anos do século XX contempla a aceleração da globalização e da comunicação virtual. A internet, criada em 1969, e a WWW (World Wide Web) são acessadas por milhões de pessoas, expandindo-se a comunicação virtual através dos gêneros emergentes nas variadas mídias eletrônicas, sendo o computador e o celular ferramenta presente na comunicação cotidiana de crianças/jovens/adultos/idosos, sinalizando a necessidade de incluir a informática na educação formal/informal. Inseridas nesse contexto de gêneros emergentes ou linguagens das mídias eletrônicas, os sujeitos pesquisados, as idosas, sabem ler, estão inseridas no letramento autônomo, porém não sabem muito significar práticas sociohistóricas no mundo instrumental e no mundo da vida, ao usarem os gêneros com função sociocomunitativa de resolução de problemas cotidianos e de comunicação com filhos/netos/amigos através do whatsapp, enviando mensagens escritas/orais e anexando-lhes fotos/áudios/vídeos. A escola, pautada no letramento autônomo voltado ao uso da escrita independente do contexto, desconsidera a interação dos sujeitos com esses textos apesar de ser a principal agência de letramento. Isso contribui com o fato de se negligenciar o compromisso do profissional da educação, pois é preciso que seja capaz de, estando no mundo, saber-se nele. Saber estar no mundo com as idosas, sujeitos de nossa pesquisa em andamento, é interagir com elas através do Whatsapp, atentando para as suas necessidades e dificuldades de comunicação com filhos/netos/amigos distantes. Desatenta a isso, a escola descarta o saber popular das idosas, alunas do projeto de extensão “Práticas de Letramentos de Pessoas Idosas no Cotidiano: Traçando Letras, Esculpindo Textos” da Universidade Estadual da Paraíba, o qual funciona uma vez por semana no Clube de Mães do bairro Cruzeiro, nesta cidade, ministrando aulas informais com vistas à inclusão delas no letramento digital. O presente trabalho, em fase embrionária, busca relatar e discutir uma experiência com duas idosas, - idosa 1 e idosa 2 (doravante I1 e I2) - desta pesquisa qualitativa de base etnográfica entrevistadas quanto ao uso do celular e ao seu objetivo de uso. Apoiamo-nos nas teorias do letramento autônomo e dos multiletramentos, enfocando no letramento digital e na terceira característica do hipertexto - multissemiótica (agregação da linguagem verbal/não verbal num mesmo espaço). Os dados embrionários mostraram que as idosas usam o Whatsapp para resolução de problemas e para comunicação com filhos/netos/amigos distantes geograficamente, tornando seu mundo virtual mais próximo do que o real e que têm algumas dificuldades de agregar a linguagem verbal/não verbal no momento em que precisam usar os ícones, pois desconhecem os significados deles e finalidade, tendo também dificuldade de enviar mensagem de texto, preferindo o Whatsapp uma vez que é mais fácil. Ainda foi constatado que as duas idosas necessitaram de ajuda de parentes para se comunicarem melhor os quais deram explicações informais o que sinaliza a importância da educação informal.

PALAVRAS-CHAVE: Letramento, Inclusão Digital, Pessoa Idosa.



COPRECIS
CONGRESSO NACIONAL DE
PRÁTICAS EDUCATIVAS

LETRAMENTO E SABERES POPULARES: USO DO WHATSAPP NO COTIDIANO DAS PESSOAS IDOSAS

(autor) Estêvão Arruda Borba Santiago Guimarães
Universidade Estadual da Paraíba (Graduando)
estevao_arruda@hotmail.com

(Co-autor) Zuleide Maria de Arruda Santiago Guimarães
Universidade Estadual Vale do Acaraú (Professora)
zuleidearruda@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

Os últimos anos do século XX foram marcados pela aceleração da globalização e da comunicação virtual. A internet foi criada em 1969 e explodiu no mercado com a implantação da WWW (World Wide Web). No Brasil, milhões de pessoas têm acesso à internet, sendo o computador/celular uma ferramenta presente na comunicação cotidiana de crianças, jovens, adultos e idosos o que requer uma necessidade de incluir a informática na educação formal e informal.

Ocorre que a aceleração da globalização e da comunicação virtual através das variadas mídias acarreta o surgimento de gêneros emergentes no contexto digital (MARCUSCHI, 2004) com os quais os sujeitos convivem no cotidiano, tendo, portanto, uma função sociocomunicativa (DOLZ & SCHENEUWLY, 2004), usando-os para se comunicarem, resolverem problemas, etc. Tais gêneros dão-se tanto na linguagem verbal oral/escrita como na não verbal em forma de cores, pinturas, imagens, sons, movimentos, etc e estão presentes no cotidiano das idosas, sujeitos de nossa pesquisa.

Inseridos nesse contexto de gêneros emergentes ou linguagens da mídias eletrônicas (BELLONI, 2001), os sujeitos de nossa pesquisa, as idosas, sabem ler, porém não estão sabendo muito significar práticas sociohistóricas no *mundo instrumental e no mundo da vida* (HABERMAS, 1987) que é fazer uso dos tais gêneros com fins sociais de resolver um problema do cotidiano ou mesmo de se comunicar com filhos/netos/amigos através do whatsapp, enviando mensagens escrita/orais, anexando fotos ou vídeos a essas mensagens, etc. Esse impacto de estar inserido num grupo de pessoas cujas práticas de leitura e de escrita são desconhecidas do primeiro grupo constitui uma preocupação dos estudos do letramento (STREET, 1984; BARTON & HAMILTON, 2000; KLEIMAN, 1995; TERZI, 2001, SIGNORINI, 2001), termo que circula no meio acadêmico a partir dos anos 80 do

(83) 3322.3222

contato@coprecis.com.br

www.coprecis.com.br



século XX, sendo uma tradução da palavra inglesa *literacy* que significa “condição de ser letrado”. Tais estudos enfocam o letramento autônomo e o ideológico, sendo o primeiro o que predomina na maioria das escolas.

Por estar pautada nesse primeiro letramento, o autônomo, a escola não está dando a devida consideração a interação dos sujeitos com esses textos apesar de ser a principal agência de letramento” (KLEIMAN, 1995, p. 25). Mesmo sendo impossível para Marcuschi (2001) investigar as práticas da língua centrando-se apenas no código, a escola insiste em privilegiar o letramento autônomo (TERZI, 2001; ROJO, 1995) voltado à escrita independente do contexto no qual estão situados os falantes e à lógica da escrita pela racionalidade e não pelo contexto.

Isso contribui cada dia com o fato de se negligenciar o compromisso do profissional da educação, pois “é preciso que seja capaz de, estando no mundo, saber-se nele” (FREIRE, 1983, p. 16). Saber, portanto, estar no mundo com as idosas, sujeitos de nossa pesquisa em andamento, é interagir com elas através do Whatsapp, atentando para as suas necessidades e dificuldades de comunicação com filhos/netos/amigos distantes, etc. Sem atentar para tais necessidades, democratiza-se a escola, mas não o saber (SOARES, 1987) e, no nosso caso, o saber popular (FREIRE, 1996), informal das idosas, alunas do projeto “Práticas de Letramentos de Pessoas Idosas no Cotidiano: Traçando Letras, Esculpindo Textos”. As idosas em número de sessenta são alunas do projeto de extensão da Universidade Estadual da Paraíba, o qual funciona uma vez por semana no Clube de Mães do bairro do Cruzeiro, cidade de Capina Grande (PB) e é voltado à educação informal com vistas à inclusão delas no letramento digital.

Tal projeto visa contribuir com as idosas no sentido de descobrir as suas necessidades e dificuldades de comunicação através do uso do Whatsapp no aparelho celular no tocante ao envio de textos verbais (orais e escritos) e não verbais (fotos, vídeos). Essas práticas de letramento voltadas aos usos sociais da linguagem no cotidiano não são contempladas pelo letramento autônomo (KELIMAN, 1995) o que sinaliza que a escola deve desenvolver com essas idosas os multiletramentos (ROJO, 2012) sobretudo o letramento digital que, segundo Soares (*apud* COSCARELLI & RIBEIRO, 2005), é um certo estado que adquirem os que se apropriam da nova tecnologia digital e exercem práticas de leitura e de escrita próprias da tela.

Diante desse contexto de inovações tecnológicas que não só ampliaram as possibilidades de comunicação como as agilizaram através do uso do hipertexto – conjunto de textos interligados por links (COSCARELLI, 2005) - como a escola vai incluir as idosas no letramento digital, limitando-se ao letramento autônomo o qual



negligencia os usos da linguagem nas situações vivenciadas quais sejam comunicação com os filhos/netos/amigos distantes geograficamente ou mesmo na resolução de problemas do cotidiano? A escola vai preferir atender ao seu objetivo de transformar os conhecimentos em objetos de ensino ou vai dialogar com as necessidades e dificuldades de comunicação decorrentes do uso do Whatsapp, amenizando seus momentos de solidão e de saudades tornando seu mundo virtual mais próximo delas do que o mundo real?

O presente trabalho busca relatar e discutir uma experiência com duas idosas, -“idosa 1” e “idosa 2” (doravante I1 e I2) - desta pesquisa qualitativa de base etnográfica (SEVERINO, 2007) em fase embrionária e que foram entrevistadas quanto ao uso do celular e ao seu objetivo de uso. Na discussão desses dados, buscamos apoio nas teorias dos modelos de letramento autônomo (STREET, 1984; BARTON & HAMILTON, 2000; KLEIMAN, 1995; TERZI, 2001; ROJO, 1995) bem como dos multiletramentos (ROJO, 2012), enfocando no letramento digital (COSCARELLI & RIBEIRO, 2005), sobretudo no conhecimento da terceira característica do hipertexto - multissemiótica (agregação da linguagem verbal/não verbal num mesmo espaço). Os dados embrionários mostram que as idosas usam muito o celular seja para resolução de problemas em geral, seja para se comunicarem com filhos/netos/amigos distantes geograficamente e se sentirem mais próximos, apresentando, portanto, algumas dificuldades no uso do hipertexto como tirar foto e enviar mensagens de texto, lacuna que pode ser contemplada com uma intervenção da educação informal.

ESCOLA E LETRAMENTO

Partindo do princípio de que “a escola é, em quase todas as sociedades, a principal agência de letramento” (KLEIMAN, 1995, p. 25), ela desenvolve um letramento que atende a seus objetivos, ou seja, ela transforma conhecimento em objetos de ensino.

Como toda instituição e todo grupo social tem seus objetivos e seu funcionamento próprio, a escola tem o dela, residindo o problema no fato dela distanciar-se da sociedade como um todo, fechando-se em si mesma quando privilegia o letramento autônomo (TERZI, 2001; ROJO, 1995). Pautada nesse modelo de letramento, desconsidera que seu ensino é para formar cidadãos letrados e aptos a regerem o mundo nas mais diversas posições sociais. Esse modelo autônomo, segundo Rojo (2001, p. 23):

“define-se, principalmente, por pressupor uma maneira única e universal de desenvolvimento do letramento (filosofia e ontogeneticamente), quase sempre associada a resultados e efeitos civilizatórios, de caráter individual (cognitivos) ou social

(83) 3322.3222

contato@coprecis.com.br

www.coprecis.com.br

(tecnológicos, de progresso e de mobilidade social”.

Kleiman (1995) apresenta, com muita propriedade, os modos de pensar do letramento que são: 1) o modelo autônomo e 2) modelo ideológico. Para este primeiro, a autora elenca as seguintes características:

1) A escrita é considerada como um produto completo por si só e autônomo, tendo um funcionamento lógico interno ao próprio texto escrito sem dependência do contexto;

2) A escrita dá-se numa ordem diferente da ordem da comunicação o que a difere da oral, uma vez que a interpretação da língua oral estaria ligada à função interpessoal da linguagem;

3) Como a escrita se rege pela lógica e racionalidade e não pelo contexto, havendo correlação fortes entre aquisição/invenção da escrita e desenvolvimento cognitivo;

4) Sendo a escrita detentora de “poderes” e qualidades intrínsecos, os mesmos são atribuídos aos povos e grupos que a possuem.

Nesse modelo de letramento, a escrita tem um fim em si mesma e, ao ostentar uma supremacia já que independe do contexto, não se articula com os saberes cotidianos oriundos das várias práticas sociais de leitura e de escrita vivenciadas pelos seus sujeitos, - os saberes populares (FREIRE, 1996) - as quais, na sociedade da informação, tornam-se mais diversificadas e elaboradas (SETTON, 2005). Contrapondo-se ao letramento autônomo, essas práticas de leitura e de escrita através do whatsapp demandadas pela sociedade da informação sinaliza uma dimensão social do letramento, ou seja, as práticas de letramento voltadas para o como os sujeitos se relacionam com os textos em contextos específicos que, no caso, é o letramento digital.

Isto posto, entendemos a necessidade de abordar o fenômeno do letramento de forma múltipla, dentre o qual está o digital, não considerando apenas o letramento tipográfico, mas vários tipos de letramento que, conforme Barton (apud MARCUSCHI & XAVIER, 2005), não são os mesmos em todos os contextos, mas, ao contrário, a noção de letramento tem vários sentidos, ou seja, há práticas que envolvem variadas mídias e sistemas simbólicos a exemplo de um filme, de um computador, podendo ser considerados, nesses casos, o letramento fílmico, e o computacional. Estes apontam para o letramento digital o qual trataremos a seguir.

LETRAMENTO DIGITAL



No Brasil, atualmente, milhões de pessoas têm acesso à internet e o computador /celular constitui uma ferramenta presente no cotidiano de maneira que, cada vez mais, existe uma grande necessidade de se incluir a informática na educação tanto formal como informal. Inclusão digital e sociedade da informação são termos frequentes na sociedade globalizada e o ensino não pode fechar os olhos para essa realidade.

Porém, muitas dessas pessoas, sobretudo as idosas, são analfabetas digitalmente, ou seja, encontram-se excluídas dos multiletramentos que requer o uso do Whatsapp como enviar mensagens de textos, anexar a essas mensagens fotos, vídeos, áudios, etc. O domínio dessas práticas digitais é o letramento digital que, segundo Soares (*apud* COSCARELLI e RIBEIRO, 2005, p. 60) é um certo estado ou condição que adquirem os que se apropriam da nova tecnologia digital e exercem práticas de leitura e de escrita próprias da tela”.

Barton (*apud* MARCUSCHI & XAVIER, 2005) defende que as práticas de letramento variam de contexto para contexto e, aqui, no caso em discussão, trata-se de interação com o hipertexto no Whatsapp o que necessita uma atenção da escola para sua inclusão digital. Segundo Pereira (2005), a inclusão digital é o processo em que uma pessoa ou grupo de pessoas passa a participar e, sobretudo, sabe utilizar os métodos de acúmulo e transferência de informações tecnológicas, tendo, assim, os mesmos direitos e deveres dos outros membros daquele grupo social em que se insere. .

Para transferir informações tecnológicas através do hipertexto que é um conjunto de textos interligados por links, sendo o resultado da integração de vários modos de enunciação (verbal + visual + sonoro) em um mesmo suporte digital de leitura o que torna o texto híbrido, Xavier (*apud* PINHEIRO, 2005) defende algumas características do hipertexto descritas a seguir:

1. Não-linearidade – o leitor é quem define que caminhos seguir, estabelecendo as relações de coerência entre hiperlinks;
2. A mudança de noção de autoria – o leitor assume uma atitude mais participativa, tornando a leitura mais dinâmica;
3. Multissemiose – agregação de linguagens verbal e não verbal num mesmo espaço;
4. Intertextualidade – acesso, em tempo real, a outros textos relacionados com o que se está lendo;
5. Imaterialidade – permite ao leitor ter o texto sem poder tocá-lo, sabendo que sua existência é virtual;



6. Concisão de conteúdos – os segmentos textuais são mais curtos, contendo somente o essencial;

7. Interatividade – possibilidade de conversar com o autor do texto em tempo real através de bate papo ou e-mail e de sugerir e até modificar o texto o que faz do leitor um sujeito mais ativo.

Nesses itens apresentados, percebe-se que uma das principais características dos gêneros digitais é o intenso uso da escrita que pode apresentar-se tanto formal/culta quanto coloquial repleta de abreviações lexicais em decorrência do sincronismo observado em alguns gêneros (chats, por exemplo) cuja interação pode ser síncrona o que pede redução na escrita como forma de agilizar a comunicação. Daí, os usuários precisarem conhecer as novas condições de comunicação porque segundo Dorigoni e Silva (2017, p. 4):

“elas não estão, apenas, a serviço do ser humano, elas modificam o próprio ser, interferindo no modo de perceber o mundo, de se expressar sobre ele e de transformá-lo, podendo também levá-lo em direções não exploradas encaminhando a humanidade para rumos perigosos”.

Letrado digitalmente é o indivíduo possuidor de letramento digital voltado à habilidade para construir sentidos a partir de textos que mesclam palavras que se conectam a outros textos.

ANÁLISE DOS DADOS

Tomando como base os dados embrionários, ou seja, as entrevistas realizadas com I1 e I2, ambas estão inseridas nos multitramentos no dizer de Rojo (2012). Por um lado, no letramento autônomo, dominando a leitura e a escrita de forma autônoma (KLEIMAN, 1995) e, por outro lado, no letramento digital voltado às práticas sociocomunicativas (DOLZ, J. & SHENEUWLY, B, 2004) de uso da língua oral/escrita/verbal/não verbal - os gêneros emergentes - (MARCUSCHI, 2004) próprias da tela, segundo Soares (*apud* COSCARELLI e RIBEIRO, 2005, p. 60), necessitando significar essas práticas no mundo da vida que são os saberes populares (FREIRE, 1996), ora comunicando-se com filhos/netos/amigos e anexando fotos, vídeos, áudio, ora resolvendo problemas recorrentes do cotidiano.

Analisamos, aqui, se I1 e I2 têm o conhecimento da terceira característica do hipertexto, a multisssemiose, que se refere à habilidade de agregar as linguagens/ verbais/não verbais num mesmo espaço ao usarem o Whatsapp no seu cotidiano.

Perguntadas se usavam o aparelho celular, I1 respondeu que *“uso para fazer e receber ligação e uso muito o Whatsapp...uso para fazer anotação de contato telefônico...e não sei como é o ícone...isso é só notas para fazer anotações de datas de objetos para comprar....(...)uso a calculadora..”*



Já a I2 informou *“uso para me comunicar com o meu povo distante, os meus filhos e as pessoas que eu preciso de falar”*.

Percebemos nesses depoimentos que, quanto à presença da semiose – agregar as linguagens verbal/não verbal num mesmo espaço - no produção do hipertexto, I1 tem mais habilidade do que I2 de agregar mais de um tipo de linguagem, pois faz e recebe ligação, faz anotação de contato telefônico, sendo esses gêneros típicos da linguagem verbal oral/escrita, já quando necessita a linguagem verbal não verbal que são os ícones, I1 tem algumas dificuldades, pois desconhece o significado das imagens – linguagem não verbal - nem a sua finalidade (linguagem verbal), não sabendo, portanto, aliar a imagem a sua função sociocomunicativa que é a finalidade a que se destina o ícone a exemplo da lixeira que indica que o arquivo ali depositado, foi apagado.

Percebemos a necessidade da inclusão digital dessas idosas nos depoimentos quando I1 informou que *“tenho algumas dificuldades para uso do Whatsapp...agora é menos porque...minha menina me ensinou...como bem...como é que a gente chama...adicionar uma pessoa no Whatsapp...hoje eu já não tenho tanta dificuldade...eu não uso mensagem por que não sei...tenho dificuldade...mas tenho o Whatsapp...então me viro”*

Já I2 informou *“eu não sei tirar foto...não aprendi...até que já fiz...mas não tenho essa desenvoltura...é do meu eu quando me lembro de tirar já passou a hora”*.

Evidencia-se, nos depoimentos acima, algumas dificuldades existentes, pois no primeiro caso, I1 já se sente mais incluída digitalmente por ter recebido umas explicações da sua filha, no entanto, ela ainda tem dificuldade de adicionar alguém no Whatsapp justamente porque vai usar a linguagem não verbal, ou seja, tem que acessar o ícone dos contatos, usar o símbolo de “+” que significa adicionar e escrever o nome da pessoa a ser adicionada com o seu respectivo número de telefone.

O mesmo dá-se com I2 quando tem de recorrer à linguagem não verbal, ou seja, persiste a mesma dificuldade constatada no depoimento da I1, pois não sabe tirar foto e disse que até já tinha aprendido, mas como não convive com o gênero constantemente, alega não ter muita habilidade, chegando ao ponto de nem se lembrar de tirar porque não é um hábito próprio do “eu” dela. Como I2 usa mais o aparelho para se comunicar, ela está mais inserida nos gêneros orais, não apresentando muita habilidade para os gêneros da linguagem não verbal. No entanto, I2 deixou claro que recebeu umas explicações, pois chegou a tirar fotos, mas que perdeu a tal habilidade.



Ficou evidente nos dados que I1 e I2 necessitaram de explicações para as práticas letradas digitais que utilizam no cotidiano, pois I1 informou que recebeu explicações de sua filha e I2 informou que já tinha até aprendido tirar fotos, mas, como não ficou praticando, perdeu a desenvoltura. Isso aponta para a necessidade que as idosas têm da educação informal, aproveitando os seus saberes, ressignificando-os bem como contribuindo para sua inclusão digital.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que foi discutido, entendemos que a escola tanto formal como informal inserida que está no contexto de multiletramentos, deve atentar para os saberes populares que as idosas constroem no seu cotidiano a partir do uso do Whatsapp detectando suas dificuldades de comunicação com filhos/netos/amigos ou mesmo na resolução de problemas do cotidiano, pois, assim fazendo, está sendo capaz de, estando no mundo, saber-se nele” (FREIRE, 1983, p. 16).

Nesse contexto, a escola não está alheia ao que se passa fora dos seus muros, mas articula e consolida seu compromisso com a sociedade na qual está inserida que é a sociedade da informação, não ignorando os gêneros emergentes advindos do uso do Whatsapp presentes no cotidiano das idosas pesquisadas e, procurando junto com elas, diminuir os impactos trazidos pelas mídias eletrônicas a um grupo que se sente excluído do letramento digital, tornando o mundo virtual das idosas mais próximo que o real. Entendemos que a responsabilidade da escola só aumentou, pois ela pode contribuir com as idosas orientando-as de maneira que saibam fazer uso competente das novas práticas de leitura e de escrita (linguagem verbal/não verbal) de maneira que não as leve a direções não exploradas e rumos perigosos (DORIGONI & SILVA, 2017).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, J. C. & BIASI-RODRIGUES, B. (orgs.). **Interação na internet: novas formas de usar a linguagem**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

BELLONI, Luiza Maria. **O que é mídia-educação?** Campinas, SP: Autores Associados, 2001.

COSCARELI, C. V. & RIBEIRO, A. E. (orgs.) **Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2005.

DOLZ, J. & SHENEUWLY, B. **Gêneros orais e escritos na escola**. São Paulo: Mercado de Letras, 2004.

DORIGONI G.M. L. & SILVA, J. C. da. **Mídia e Educação: o uso das novas tecnologias no espaço escolar**

Gilza

Maria

Leite

(83) 3322.3222

contato@coprecis.com.br

www.coprecis.com.br



Dorigoni <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1170-2.pdf>. Acesso em 2017.

HABERMAS, J. **Teoría de la acción comunicativa I: racionalidad de la acción y racionalización social**. Madrid: Taurus, 1987.

KLEIMAN, A. B. (org.). **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre uma prática social da escrita**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1995.

MARCUSCHI, L. A. Letramento e oralidade no contexto das práticas sociais e eventos comunicativos. In: SIGNORINI, I. (org.) **Investigando a relação oral/escrito e as teorias do letramento**. Campinas, SP: Mercado de letras, 2001, p. 23-50.

_____. & XAVIER, A. C. **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido**. Rio de janeiro: Lucerna, 2005.

PAULINO, GRAÇA et al. **Tipos de textos, modos de leitura**. Belo Horizonte: Formato Editorial, 2001.

PEREIRA, J. T. Educação, e sociedade da informação. In: COSCARELLI, C. V. & RIBEIRO, A. E. (orgs.). **Letramento digital; aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2005.

ROJO, R Letramento escolar, oralidade e escrita em sala de aula: diferentes modalidades ou gêneros do discurso? In: SIGNORINI, I. **Investigando a relação oral/escrito e as teorias do letramento**: Campinas, SP: Mercado de Letras, 2001, p. 51-74.

_____. ROJO, R. H. R. **Letramento escolar em três práticas: perspectivas para a multivocalidade**. Revista da Anpoll, São Paulo, v.11, p. 235-262, jul/dez. 2001.

SETTON, Maria da Graça. **Mídia e Educação**. São Paulo: Contexto, 2005.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 23^a Ed. Ver. e Atualizada. São Paulo: Cortez, 2007.

STREET, B. V. **Literacy in theory**. London, New York: Cambridge University Press, 1984.

TERZI, S. B. **A construção da leitura: uma experiência com crianças de meios iletrados**. 2^a Ed. Campinas: Pontes, 2001.